



DIÁRIO DE BENÇÃOS

FRANCISCO CANDIDO XAVIER
ESPÍRITO CRISTIANE

ÍNDICE

Prefácio	03
Agradecimentos	04
Um pouco de Cris	06
Partida	07
Poema da flor que partiu	08
Familiares	09
Poesias de Cris	10
Julho 1980	13
Conhecimentos novos	14
Agosto 1980	16
Setembro 1980	17
04 Outubro 1980	18
Primeira Entrevista com Chico Xavier	19
18 Outubro 1980	20
Queria..., Se pudesse	21
Redação – Minhas Férias	22
Reflexo	23
Trecho de uma carta	24
4 Poesias	25
01 Novembro 1980	27
Primeira Mensagem	28
Episódios	30

DIÁRIO DE BENÇÃOS

Leitor Amigo

Este livro é comparável a formosa roseira na primavera. No verde das hastes, ricas de seiva, se destacam espinhos, provação e saudade, mas, sobre a auréola dos ramos, desabrocham rosas de júbilo e reencontro, de esperança e alegria, peroladas pelo orgulho das lágrimas de reconhecimento a Deus e de confiança no Tempo.

Mãe e filha aqui se enlaçam, entre o Plano Físico e o Plano Espiritual, ambas aparentemente separadas pela morte, no entanto, sempre unidas na afeição que nunca desaparece.

Dispensamo-nos de comentários outros para entregar este diário de bênçãos à sua apreciação, através da qual verificamos juntos a Infinita Bondade do Senhor, a se nos revelar na perenidade a vida e na sublimação do amor imortal.

Emmanuel
Uberaba 30 de janeiro de 1983.

AGRADECIMENTOS

A Jesus

Permiti Senhor que eu possa iniciar as folhas deste “Diário de Bênçãos” e que Mãe Maria de Nazaré me oriente.

Aos Benfeitores e Amigos Espirituais
Rogo proteção.

A você Chico Xavier

A quem cheguei um dia, desesperada, cega pela dor, hoje agradeço a luz que se fez em minha mente, pelas palavras confortadoras de sua mediunidade que nos garante a certeza de que existe vida além da morte do corpo, de que Cristiane vive, assim como os entes queridos que partiram.

Jesus o abençoe sempre.

A vocês Mães...

Jovens ou velhinhas, ricas ou pobres, casadas ou solteiras, todas... mães. A vocês, este apelo.

Amem seus filhos... no ventre... na vida... na morte.

Não os impeçam de nascerem, não os acorrentem enquanto aqui estiverem, não os estristeçam ao partirem. Chorem sem revolta.

Saudades... transforme em sorrisos, distribuindo-os a quem sofre.

Convertam suas lágrimas em alimento aos necessitados. Ajudando, seremos ajudados.

Trabalhar na paz é ter a paz.

A vocês Luís, meu marido e meus filhos

Deus os abençoe pela paciência, coragem e o sofrer

Calado, vocês, meus heróis.

Embora não espíritas, não impediram que eu buscasse

Conforto nesta doutrina maravilhosa.

Sei, ainda, como eu, que fitam o céu, procurando uma resposta no infinito.

Creiam no pensamento preferido de Cris.

“Onde houver uma estrela brilhando, ali eu estarei”.

A você Cris...

Meu pensamento para que Jesus a abençoe sempre.

Cristiane

Menina meiga, de cabelos loiros, assim é você minha pequena.

Seus olhos esverdeados exprimem tão bem, as ondas do mar em dias de calma.

Deus quando fez você, minha ilha, deu tudo de belo que havia no céu.

A luz das estrelas...

O sorriso dos anjos...

A meiguice da Lua.
Deu para mim o sonho mais lindo.
Que fosse possível em dia sonhar...
E eu lhe disse:
- A vida é bela e a infância é mais.
Viva... sorria...
Mas chorar...
Não quero vê-la jamais.

Mamãe

UM POUCO DE CRIS

Quem é Cris?

Cristiane Rodrigues de Moraes, nasceu na cidade de Piracicaba, Estado de São Paulo, em 28.1.1964, faleceu em 29.6.1980, por acidente em Itambé – Bahia, com arma de fogo e sepultada na cidade que muito amou: Tietê – Estado de São Paulo.

Filha maravilhosa. Alegre, irrequieta e estudiosa. Gostava de poesias e romances. De fácil comunicação. Seu poeta preferido, Vinícius de Moraes.

Em 1978 obteve o primeiro lugar num concurso literário, na cidade de Tietê – SP.

Eleita rainha da Primavera da E.F.P.G. Barão de do Rio Branco, em Piracicaba, contagiava com sua alegria e sorriso encantador. Escolhida pelas colegas, em fins de 1977, “A melhor Amiga do Ano”, recebeu, numa festa íntima, um lindo troféu o qual, juntamente com seu coelho de feltro “Mingau”, sua raquete de tênis e outras lembranças, acompanharam bem de perto o seu corpo, como a dizer. “Continuamos Amigos”.

Natural de sua idade, adorava música jovem, mas, tinha por uma de suas preferidas “O ÉBRIO”, de Vicente Celestino. Vez outra, gostava que o pai cantasse e, na parte declamada, seus olhos marejavam.

Não temia a morte, dizia saber não viver muito.

Certa ocasião, ainda pequena, perguntou:

Se a gente morresse e pudesse voltar em outra coisa, o que a mamãe gostaria de ser?

Respondi que talvez uma flor... Ela, na sua preferência, gostaria de ser uma estrela. Do alto veria a todos na Terra e todos a veriam também. Agora percebe quão profundo aquele pensamento.

Amava o mar, a natureza e o pôr do sol.

Sonhava ser águia, formar-se em oceanografia e ser uma viajante para o Havia.

Tudo quis ser. Hoje... é a nossa saudade, a saudade dos que a quiseram e a minha certeza de que a vida continua, que permanece mais viva que antes, dando-nos força e coragem.

PARTIDA

O dia amanheceu lindo, 20 de junho de 1980, sexta-feira.

Em agitada tarde de preparação para a viagem, estaríamos a festejar o São João, juntamente com amigos numa cidadezinha próxima. Seria uma semana de festas.

No canto, as malas esperavam o tempo de viajar como que sorrindo com a múltipla variedade de roupas no seu interior, simbolizando a alegria.

A casa vibrava com o som do último disco comprado por Cris. Naquela manhã, minha última lembrança... Cris deitada no tapete, de bruços, ouvia esse disco com companhia de amiga.

Saí em busca de genipapo para um licor, foi num instante... de repente... tudo acabado. Não sabia como e nem por quê. Parecia uma enorme loucura, uma terrível mentira, um doloroso pesadelo.

Cristiane morria em minha mãos... e com ela, também, me sentira morrer.

POEMA DA FLOR QUE PARTIU

Este é um poema de insônia, de noites de prantos, de lágrimas sentidas, de mãos vazias...

Era uma flor de longos cabelos loiros, trançados de sonhos, de esperança, de vontade de viver, de amar e de sorrir.

Era uma promessa eterna de esperança, a ânsia da ilusão primeira.

Era o ser querendo vida, era a alma cantando, falando de amores, era o Sol de toda manhã, era a chuva do céu caindo.

Meu desejo em sonhos, era a cor do arco-íris, nos seus passos... meu compasso de emoções.

Vi seu riso, suas tristezas, suas angústias...

Vi seu pranto, suas poesias, sua esperança...

Este é um poema de lembranças tão lindas...

De noites escuras que hoje choro por você...

Da minha flor, as trancas se soltaram, os sonhos caíram...

Não pode mais amar, não pode mais sorrir.

Meu arco-íris perdeu suas cores, meus passos já não têm compasso...

Caminham por horas mortas, levados pelo meu triste canto.

O amanhã já não traz mais seu Sol, a chuva já não cai mais do céu...

Cai do pranto dos meus olhos.

Este é um poema de tristeza, de desespero, de felicidade passada...

Minhas noites agora, Senhor, são gotas de um mesmo pranto, é uma amarga solidão.

Caminho só pelas calçadas, buscando em cada vulto, o perfume da minha flor, o seu riso que encantava...

Buscando em cada passo o seu andar de criança... já quase de uma mulher.

Hoje busco em cada verso, um pouco dos versos seus, procuro em cada sorriso, um pouco do iso seu.

Este é um poema de dor mesclado de amor e saudades, é um poema triste de quem não sabe mais sorrir...

É o poema de uma mãe, que numa tarde fria de junho viu o Sol se apagar...

Viu dois olhos se fecharem, enquanto suas mãos procuravam um pouco de sangue a pulsar.

A esperança foi sumindo...

O meu pranto foi caindo...

E... junto da minha flor,

Eu morri também.

Vilma
(mamãe)
(Rui Barbosa – Bahia, 21.12.80)

FAMILIARES

Nesta página apresentamos os familiares e amigos de Cristiane, identificados nas diversas mensagens psicografadas pelo médium Francisco Cândido Xavier.

Pais:

- Vilma Ducatti Rogrigues de Moraes
- Luiz Bernardo Rodrigues de Moraes

Irmãos:

- João, Luiz e Ageu Rodrigues de Moraes

Avós:

- Dulcina Lara Ducatti, materna
- Olímpia Belo Lara, desencarnada em 21.01.1964 - bisavó materna.
- Lourenço Ducatti, desencarnado em 21.12.1914 - triavó materno.
- Maria de Souza Coelho Rodrigues - paterna.

Tio:

- Veimar Carlos Ducatti, irmão da Sr^a Vilma Ducatti Rodrigues de Moraes, médico em Ituverava, Estado de São Paulo.

Amigos:

- Virma Gusmão
- Paulinho Achy
- Dr. Edson Evangelista de Souza, médico psiquiatra.

Irmã Jovina: - Fundadora e Dirigente de um pequeno asilo de pobres na Bahia.

Albanize (Alba, laia): - Amiga da Sr^a Vilma Ducatti Rodrigues de Moraes, desconhecida anteriormente por Cristiane. Dione, Denio Dener, Danilo e Débora, filhos da Sr^a Albanize Primo.

Yara e Tereza: - amigas da Sr^a Vilma Ducatti Rodrigues de Moraes, desconhecidas anteriormente por Cristiane.

Taciana: - recém nascida e nova integrante do lar da Sr^a Vilma Ducatti Rodrigues Moraes.

Daniel: - irmão gêmeo de Taciana, integrado no lar da Sr^a Albanize Primo.

Dr. Bezerra de Menezes: - Médico e Ex-Presidente da FEB – Federação Espírita Brasileira – desencarnado em 1900.

(Rui Barbosa – Bahia, 21.12.80)

POESIAS DE CRIS

Revendo seus poemas e desenhos, revelaram-me sua visão em versos, de uma terra grandiosa e distante e de um passado vivido.

Explicação que somente a Doutrina Espírita poderá nos dar.

Para melhor identificação dos textos inscritos neste volume, a Editora achou por bem dividi-los em três partes que se seguem, para que o livro possa ter os encaixes de enunciados, poesias e sonhos, seguidos dos poemas de Cristiane, quando ainda encarnada, identificados com o tipo manuscrito, e as suas mensagens psicografadas pelo médium Francisco Cândido Xavier entremeando o roteiro de sonhos expostos por sua mãe, senhora Vilma D. Rodrigues de Moraes.

Quem és?

Naomi

Quem és tu?

Sou as lágrimas da chuva.

De onde vens?

Do clarão da Lua.

O que procuras?

Um céu azul.

Para quê?

Para que eu possa conhecer a

LIBERDADE

Poeta

Sou poeta do céu

Que a tudo contemplo

Nas estrelas a brilhar.

Sou poeta do Sol

Que a tudo amo

Nos raios a queimar.

Sou poeta das estradas

Que vendo lágrimas e risos

Continuo a caminhar.

Sou poeta da Lua

Que na escuridão da noite

Vejo-a a nos iluminar.

Sou poeta da solidão

Que sozinho penso,

Olhando apenas as ondas do mar.

Sou poeta da montanha

Que vendo a águia solitária

Começo a sonhar.

Sou poeta dos cantos

Canções da brisa
 E do vento a soprar.
 Sou poeta do passado
 Que nas infinitas recordações passadas
 Começo a chorar...

Amei

Amei...

Amei tudo que era alegria,
 amei os pássaros cantando,
 amei as gaivotas voando sobre o mar,

Amei...

Amei o pôr do sol sobre as montanhas desta vida.
 Amei as ruas cor de prata, cobertas pela neve daquele inverno rigoroso.

Amei a natureza as matas virgens, amei a manhã e amei a noite, amei o barulho das ondas do oceano deserto.

Amei o cavalo prateado galopando, no além.

Amei os surfistas, amei aos "cowboys".

Amei as folhas das palmeiras balançando ao vento.

Tudo... tudo isso eu amei.

E hoje?

Hoje só amo essa saudade doída no meu coração.

Naomi

Vejo de um clarão de Lua, cantando versos tristes na rua, procurando a felicidade, numa gota de saudade.

Quer encontrar o amor no orvalho de uma flor.

Alguns a amam e por ela chamam; outros a ferem e não a querem. Traz a alma ferida de uma vida já sofrida; crê na força do pensamento que espera num momento.

Em um minuto ama e aos céus reclama.

Que pede e não recebe.

Que vendo tudo sofrer, chora e ao vento forte implora.

Caminha na chuva e se esconde com uma folha de parreira.

NAOMI não pode mais sorrir... Oh! NAOMI...

Eu sou...

Eu sou a fumaça do cigarro

Tragado num momento de horror,

Uma voz exclamada no meio da multidão.

Eu sou a champanhe consumida num cálice de amor,
 a folha seca que é pisada no chão.

Eu sou os gestos de um mudo.

Na dura batalha, eu sou a espada.

Eu sou o tudo,

E... não sou nada...

Onde está?

Um homem atravessando a escuridão da noite vinha à minha procura!

Onde estaria eu?

Ele andava na rua da praia,
vendo a lua derramando pingos de prata
sobre as rochas mortas pelas saudades
daqueles poemas na noite de verão.

Ele caminhava, parava, tornava a seguir,
mas não me encontrava.

Onde haveria de me esconder?

Será que eu estaria em algum coração despedaçado?

Ou numa lágrima de amor?

Ele olhava para o céu tentando me encontrar
em alguma estrela brilhando!

Aonde eu estaria?

Caminhava pela areia. Talvez eu fosse um grão delas, pensava ele...

Quando as ondas vinham espumantes, batendo nas
muralhas sombrias, ele virava e dizia: É você Cris?

Mas elas voltavam para o mar sem nada lhe dizer.

Onde está mulher, que não encontro mais?

Por que foge de mim?

E dos olhos do homem sonhador escorrem lágrimas

Sofridas, de um verão passado e já esquecido.

Ele já me encontrou. Eu estava só.

Estava no seu pensamento e no seu coração!

JULHO, 1980

Piracicaba-SP

Implorei a Deus uma prova de que minha filha estava viva.

À noite sonhava, recebia uma carta endereçada à Cris.

Dizia eu para o carteiro:

- Não pode ser, ela morreu.

- Sua filha não morreu, respondia-me.

Nesse instante, a vi pulando sobre um pufe.

Dizeres da carta:

"Cris, você pediu a um amigo que a avisasse quando Vinícius de Moraes morresse, porque queria ir junto dele fazer poesias".

Nota: Vinícius de Moraes, falecera 5 dias antes.

Julho, 1980

Piracicaba-SP

Continuava deprimida, inconsolável. Nada que confortasse. Queria Cris.

Dos amigos: palavras... palavras... palavras...

De mim: - Falam porque não aconteceu com eles, nada sabem a respeito. Estava revoltada.

Relembrando o sonho do carteiro, supliquei a Deus me deixasse vê-la. Cris apareceu:

- Você vai comunicar-se comigo, através de Chico Xavier. Foi o primeiro contato com Cris em outra existência.

CONHECIMENTOS NOVOS

Muito sonhava com o futuro de minha filha, em vesti-la de noiva ao lado de alguém que a amasse. Sua família constituída.

De repente, o sonho acabou, Cris estava morta.

Não podia ser... uma vida toda para se acabar.

Deveria existir algo além...

Como saber, como acreditar?

Tentava me iludir, fugir da triste realidade,

Mas os comprimidos me tomaram conta.

Na dor, pensei morrer também. É digno de se notar,

A partida de um ente querido aproxima as pessoas.

Os amigos tentam orientar-nos de odas as maneiras.

Muito auxiliada pelo casal Dr. Edson Evangelista de Souza e sua esposa Maria da Penha Torres Evangelista, ao invés do psiquiatra que pensei consultar, aconselharam-me o estudo da Doutrina Espírita.

Encontraria o equilíbrio e as explicações para o que acontecera.

Em O Evangelho Segundo o Espiritismo, de Allan Kardec, os ensinamentos de Jesus e, em cada página, a resposta a meus anseios e minhas dúvidas.

Das mãos de Maria Cláudia Decico, amiga de infância, recebi o livro "Presença de Laurinho", pelo espírito de Laurinho. Foi a semente que germinou em meu coração. A esperança brotava.

Compreendi. Cristiane não está só. A juventude está viva em outro lugar. Não entendia como e de que maneira. Ainda tudo era confuso.

Exortei a Laurinho que ajudasse Cris. Partira há mais tempo. Deveria ter amigos que a protegessem e aos de casa pedi que me levassem a Uberaba.

Não sabia como chegar ao Chico. Esclareci-me e fui.

No local me informei com um policial.

- Chico está viajando, talvez nem chegue a tempo de atender esta semana. Que voltássemos em outra ocasião.

Encostei-me no portão e dirigi meu pensamento a Chico, sem conhecê-lo:

- Ajude-me a voltar mais tranquila. Tornarei outro dia.

Retornei serena para casa, onde passei momentos felizes ao lado de minha filha. Suas lembranças doíam, imaginava vê-la chegando como antigamente, levantando-me para o alto, dizendo:

- Sou mais forte que você...

Palavras certas naquele momento, pois sentia-me mais leve que uma folha, cairia onde o vento da saudade me jogasse. Não tinha forças sequer para orar.

A esperança que antes nascera, acabava-se.

A idéia de mudar-se para outra cidade, entendia como solução. Não suportava olhar aquelas ruas, os amigos, a praça. Aquilo era Cris.

Mudei-me. Na nova residência não encontrei ânimo para desencaixotar as louças e roupas. Cada objeto er procurado na ocasião necessária. A cas estava fria, sem toalhas na mesa, um vaso ou enfeites, apenas o essencial para comer e dormir.

Certa feita, em casa sozinha, resolvi ouvir o disco preferido de Cristiane, música de Fagner, "As flores não falam". Não resisti ao pranto. Em seguida o desespero, o grito e a imensa dor.

Procurei em seus pertences, cadernos, livros e outros objetos, algo que pudesse saber mais sobre minha filha. Na primeira caixa, ao tomar um livro de poesias, caiu sobre a cama um cartão postal e no verso os dizeres:

"Na vida nem tudo são flores, há pedras e espinhos, nem por isso deixaremos de caminhar:

Te amo, beijos".

Com os olhos fixos naquele cartão, entendi que Cris vivia e amparava-me. A esperança voltava.

Minha casa criou cor, o ar já não era frio. Havia toalhas e flores. Novos amigos chegaram e, com eles, novas palavras de conforto e ânimo.

Meus freqüentes encontros, sonhados, aliviavam as saudades e ajudavam a reerguer minha vida.

Na seqüência, alguns dos sonhos maravilhosos que a misericórdia de Jesus permitiu.

(Livro de mensagens psicografado por Francisco Cândido Xavier).

AGOSTO, 1980

Rui Barbosa - Bahia

Cris pedia que eu voltasse a usar minhas bijuterias.
(Nota: Eu havia deixado de usar qualquer coisa).

SETEMBRO, 1980

Rui Barbosa - Bahia

Meu marido dizia:

- Se quiser ver a Cris, pode ir, ela está no hospital.
- Como, ela não morreu?
- Não, está hospitalizada.

Em direção ao hospital, via-me numa viela escura com estranhos seres pulando.

Dizia à companheira ao meu lado:

- Esta não é a rua que nos levará ao hospital.
- Virei-me e defrontei uma estrada iluminada...
É por ali...

Na casa de saúde, enfermeiras vestidas de azul, diziam que os pacientes não tomavam remédios; que lavavam os cabelos de minha filha com "shampoo" e perfume e estavam mas bonitos que antes. Todas as tardes passeava no jardim com um namorado e sempre em sua companhia, uma menininha.

Dirigi-me à Cris e trocamos algumas impressões:

Mãe, a senhora demorou a chegar!

Não pude, filha.

Beijou-me bem forte nas faces e acordei com a pressão dos seus lábios.

Sentindo-me dura e fria, a Cris tentava me vestir uma calçola branca de babados até os joelhos, com a ajuda da amiga Isabela.

Abraçou-me bem forte e me beijou, dizendo:

- Deixe que eu a visto, é minha mãe.

04 OUTUBRO 1980

Rui Barbosa - Bahia

Encontrei-me num casarão branco, de chão brilhando, repleto de crianças. No quarto, móveis brancos. Cris, sentada na cama, dizia não querer mudar, algo lhe aconteceria como à outra (ela mesma). Chorei por sua morte como se outra filha tivesse morrido.

Entendi como aviso de algum acidente. Pedi muito a proteção ao anjo da guarda de meus filhos.

Nota: Nessa noite, meu filho João sofreu um acidente, capotando o carro. Ele e os ocupantes nada sofreram.

PRIMEIRA ENTREVISTA COM CHICO XAVIER

Consegui voltar a Uberaba.

Com muita fé, viajei. Algo me faria mais feliz e conformada.

Em conversa, Chico trouxe-me a certeza e a esperança em realidade. Citou nomes impossíveis de serem por ele conhecidos, e pensei: - Se esse homem vê e sabe os nomes de meus familiares, principalmente do meu bisavô, desencarnado há muitos anos, que nem mesmo meu pai conheceu, por que também Cris não estava viva? Claro que sim. Cris vive, meu Deus! Vive e esse homem pode vê-la!

Uma nova visão da vida, uma nova visão da morte.

Quanto às informações do plano espiritual, recebi este bilhete: "Tão logo se nos faça possível, cooperaremos na obtenção das notícias solicitadas. Confiemos no amparo de Jesus, hoje e sempre".

Regressei para casa, com um pouquinho de conhecimento da Vida no Além. Sabia que minha filha continuava viva, que ninguém se torna em nada, apenas muda de residência.

18 OUTUBRO, 1980

Rui Barbosa - Bahia

Hoje foi angustiante. Encontrava-me num leito de hospital sozinha, desesperada por saber que Cris estava sendo operada.

Nota: Foi como se tudo tivesse voltado àquele 20 de junho. Eu, numa sala, enquanto Cris em outra sendo autopsiada.

22 OUTUBRO, 1980

Rui Barbosa - Bahia

Cris em companhia de Virna, sua companheira na hora do acidente, conversavam e sorriam felizes.

25 OUTUBRO, 1980

Rui Barbosa - Bahia

Deitei-me na rede durante o dia e num cochilo, estava a caminho da casa de uma amiga (Penha). Observei à Cristiane que desse marcha à ré no carro. Olhou-me, sorriu e lembrei-me que ela nunca acertara dar ré no veículo.

28 OUTUBRO, 1980

Rui Barbosa - Bahia

Aproxima-se das 6 horas da manhã. Despertei, orei a Deus por Cristiane e tornei a dormir. Cris, deitada ao meu lado, transpirava. Dizia estar o quarto muito quente. Pediu que a beijasse na barriga. Cobri seu corpo de beijos e acordei.

QUERIA... SE PUDESSE

Eu queria ser um rio para poder transbordar, um vulcão para poder explodir tudo que há dentro de mim.

Queria ser livre e poder fazer de tudo aquilo que sonho, uma realidade.

Queria sair para bem longe, explorar regiões à tardinha, curtir o visual chocante do pôr do sol.

Queria banho de cachoeira, água caindo fria e gostosa, confundindo-se com a pele, na alegria da descoberta.

Queria no meio de tudo, entre pedras e espinhos, num mundo cheio de cercas, encontrar a paz.

Sou uma Deusa num mundo estranho; vou à procura de DEUSES... de PAZ... AMOR... de tudo.

REDAÇÃO – MINHAS FÉRIAS

Este ano minhas férias foram diferentes e talvez a melhor das que já tive em minha vida, pois troquei arranha-céus e a vida agitada da minha Grande São Paulo, para viver num lugar tranqüilo que é a Bahia de Todos os Santos.

Aproveitei o máximo que pude e conheci lugares maravilhosos; lugares que só me apareciam em fantasias.

Descobrí coisas interessantes e uma nova maneira de viver, respirando o ar puro das matas verdes, nesta terra maravilhosa onde o povo é amigo e procura te ajudar.

Também adorei o carnaval bahiano. Brinquei demais e sorri muito.

Por isso, eu digo que essas férias talvez tenham sido as melhores, ou uma das melhores.

REFLEXO

Todas noites,
sempre antes de me deitar,
abro a janela ao azul do infinito,
me ausento de tudo...
Me esqueço a sonhar...
Somente a minha imagem,
refletida no espelho, sabe...
que de meus olhos,
as lágrimas teimam em... rolar.
Sinto-me só... Da minha solidão
contemplo um país desconhecido e encantador...
e esta contemplação enche meus sonhos de visões...
de uma terra distante e grandiosa que meus olhos nunca viram, até que a asas
brancas e amigas da morte me levem a meu lindo país.
O futuro vai ser feliz...
O futuro vai se abrir como asas de anjo para o céu, e eu vou poder sorrir
novamente.
Vou ser mais EU, toda vida e mais um dia.

TRECHO DE UMA CARTA

... Neste momento, o vento esta batendo
em meus cabelos...
como se quisesse fazer-me carinho...
... Como tuas mãos...

SOMENTE EM TI

Penso no mundo...
 Mundo da vida...
 Mundo da morte...
 Mundo do mar...
 Penso no mundo,
 penso em tudo.
 penso... somente em ti.

AVE DE ARRIBAÇÃO

Na primavera, o sonho acabou
 e você se foi como ave de arribação
 que voa e não volta mais
 como um sonho,
 como o passado que ficou par trás.

TUA PRESENÇA

Estou longe de ti...
 De repente,
 um vento que sopra...
 Uma folha que cai,
 uma estral que brilha,
 são instantaneamente a tua presença
 ao meu lado...
 Saio à tua procura.
 e...não te encontro mais.

VAI E VEM

Deitada na rede de palha, vendo a Lua se
 despir, eu dispo também minha alma da
 saudade, das angústias, sentindo uma vontade
 enorme novamente de sorrir.
 No vai e vem dessa rede, balança meu corpo
 cansado de sofrer e de esperar.
 Você que me fez ser uma rosa sem espinhos
 para me defender, um barco navegando em mar
 aberto, me deixou agora sem destino.
 Vai rede, volta rede, me fazendo sonolenta,
 me fazendo transportar para um novo mundo de sonhos.

Trazendo meu corpo de volta à uma vida já quase perdida, me acordando para uma realidade agora bem mais consciente, fazendo da criança que eu era, uma já quase mulher, permitida a sonhar.

01 NOVEMBRO, 1980

Rui Barbosa - Bahia

Estávamos, Luiz e nossos filhos, numa cidade onde todos se vestiam de branco. Brincávamos com um jogo de letras e palavras.

Quem tirasse um cartão que coincidissem com sua palavra, ganharia.

Meu marido foi o vencedor com a palavra "bandeja".

Cristiane, serena, estava feliz.

4 NOVEMBRO, 1980

Rui Barbosa - Bahia

Com meu filho João, conversávamos com um maquinista de uma composição férrea. Pedíamos carona para Cristiane, que a levasse à Fazenda.

Encontrávamo-nos dentro de uma igreja.

6 NOVEMBRO, 1980

Rui Barbosa - Bahia

Passei pelo sono, Cristiane passeava ao lado de Luciana, magra, pálida, mas feliz. Eu, preocupada por não saber como contar-lhe que morrera.

Luciana pedira se Cris poderia passar o dia em sua casa.

Meu marido, presente, quis dizer não, porém, lhe fiz um sinal aprovando.

- Pode ir, minha filha.

Tinha medo que, com uma recusa, ela fosse novamente. Depois, encontrei-me examinando uma casa, um sítio, onde amigas dormiam. Estava triste.

Esse, o local onde passaríamos o São João, se Cris

não tivesse partido.

PRIMEIRA MENSAGEM

29 de novembro de 1980

Retornei a Uberaba.

Fui confiante que minha filha mandaria seu recado.

Faz pouco tempo de sua desencarnação, apenas cinco meses, um incentivo... a certeza da comunicação.

Com a maior emoção, em lágrimas de felicidade, recebo a primeira mensagem de minha filha Cris, pelas mãos benditas do médium Francisco Cândido Xavier, em Uberaba, no Grupo Espírita da Prece.

O primeiro passo para um reencontro eterno de esperanças.

Agradeço a Jesus, ao Chico e a você Cristiane, pelas maravilhosas palavras.

Querida Mãezinha Vilma, abençoe-me.

O seu cansaço e a sua expectativa nos comovem.

A querida vovó Olimpia me trouxe até aqui para este encontro. Comunica-me que devo explicações à querida família, o que tento articular nestas folhas escritas.

Sobretudo, é a tranqüilidade ao seu carinho, ao meu pai, aos irmãos, ao Paulinho e aos familiares que me cabe promover.

Mãe querida, não se aflija por mais tempo. Rogo-lhe. O que sucedeu foi o inevitável.

Vendo-me com a Virma e conversando sobre festas joaninas, repentinamente lembrei-me de que pretendia guardar alguns enfeires no móvel em que estava a arma do irmão.

Sem a menor idéia de que o perigo nos cortejava, retirei-a, ou melhor, procurei retirá-la cuidadosamente do lugar em que se mantinha.

Inábil qual me vi, não sei de que modo certa parte da arma tocou no móvel e o projétil foi arremessado sobre mim. Arrasada de susto e ainda desconhecendo que conseqüências poderiam sobrevir da ocorrência, estirei-me às pressas no leito rente a nós e, sinceramente, não sei de que maneira larguei a arma ou deixei-a em qualquer lugar, porque a intenção de acolher-me no leito foi meu propósito dominante.

Era inútil gritar por socorro, porque as forças não davam para isso. Notava a aflição da companheira que não tivera participação alguma no episódio infeliz, entretanto, nem mesmo dirigir-lhe a palavra estava em meus recursos, porque a voz esmorecera na garganta e um abatimento estranho me dominou todas as energias.

Não sei se aquilo foi morrer ou dormir, desmaio ou repouso...

A única recordação que me ficou foi a certeza de minha impossibilidade para qualquer reação...

Tenho a idéia de que o acontecimento se verificou numa sexta-feira e que os meus derradeiros assuntos se (.AQUI.) às comemorações joaninas.

Penso que com este depoimento estou desempenhando um dever de que não posso me afastar.

Ignoro que terá dito a nossa Virna sobre o caso, mas penso que qualquer desorientação da parte dela será claramente natural, porque nem eu própria conseguirei minudenciar o trajeto de tão poucos centímetros entre o meu impulso de remover a arma e receber o impacto de que me vi objeto.

Ficarei muito grata com os esclarecimentos que possam ser transmitidos ao meu pai, ao João, ao Luiz, ao Ageu e ao Paulinho, pois não desejo que venha a pairar qualquer dúvida tendente a incriminar uma companheira de quem sempre recebi os melhores momentos de confiança e amizade.

Rui Barbosa está longe espacialmente falando, mas estamos perto da verdade e a verdade é o que procuro comunicar ao seu devotamento de Mãe.

Se errei, procurando modificar algo no móvel, peço me perdoem.

Deus permita que a paz se sobreponha a todos os detalhes da ocorrência para que as minhas informações consigam fazer a serenidade de que todos necessitamos.

Querida mamãe, ainda não consigo ser mais explícita.

Ainda assim, me reconheço reconfortada com a possibilidde do desabafo que me alivia.

Saudade são muitas, no entanto, a sede de paz em auxílio de nós todos é a nota predominante dos sentimentos que me tomam o coração.

Agradeço, querida mamãe, tudo o que consiga fazer para auxiliar-me, no sentido de clarear a situação e envio por seu intermédio, as minhas lembranças a todos, com todo meu amor à Vovó Dulcina aqui conosco.

Não estou escrevendo sozinha porque não conseguiria dispor de meios para me exprimir, como quem telegrafa.

Vovó Olimpia e aquele amigo que se me fez conhecido e estimado por Vovô Lourenço, com outros amigos, nesta hora me amparam os pensamentos e a mão a fim de que me expresse com verdade e clareza.

Com o meu reconhecimento por suas lágrimas que têm sido igualmente minhas, e por suas orações das quais compartilho, peço à sua bondade receber todo o carinho e toda a gratidão de sua filha.

Cristiane.

EPISÓDIOS

08 DEZEMBRO, 1980

Rui Barbosa - Bahia

Estive com três freiras.

Uma delas fitava a foto de Cristiane e dizia ter sido sua professora.

Na foto Cris estava ao lado de minha mãe.

09 DEZEMBRO, 1980

Rui Barbosa - Bahia

Cris havia voltado para casa. Pensava levá-la a um médico especialista para tratamento. Assim, ficaria curada e não mais partiria. Como se tivesse desencarnado por doença.

12 DEZEMBRO, 1980

Rui Barbosa - Bahia

Meus pais nos visitavam aqui na Bahia e estávamos num passeio à beira -rio.

Os filhos pequenos, Cris corria, divertindo-se, feliz ao lado do avô.

As máquinas fotográficas das pessoas eram colocadas dentro dos olhos, para as fotos, e algumas carregavam remédios contra cobras. Há tempos, havia uma sucurí naquele local investindo contra as pessoas.

13 DEZEMBRO, 1980

Rui Barbosa - Bahia

Em casa, uma prima de mamãe dialogava com sua filha e uma senhora, sobre Cris. Era ótimo saber que ela não se suicidara.

Comecei a chorar. Entro na sala um jovem muito simpático com a Bíblia em sua mãos e leu-me um trecho, consolando-me.

Não se desespere mais, morrer não significa acabar, sua filha vive num mundo melhor.

15 DEZEMBRO, 1980

Rui Barbosa - Bahia

Juntamente com Cristiane, numa escola, estava eu. As classes, algumas completas, os alunos andavam no alto. Outros, os víamos sentados numa escada.

Perguntei à Cris o porquê de estarem alí sentados. Respondeu-me que ainda não tinham condições de freqüentar aquelas aulas. De onde estavam ouviam as matérias e, quando estivessem preparados, iriam para uma das classes.

Cristiane estava tal qual era. Mostrou-me sua sala de aula, onde havia poucos alunos e explicou-me que a pequena quantidade era por serem recentes naquela escola. Com o tempo mudariam de classe.

Acordei como se fora verdade.

18 DEZEMBRO, 1980

Rui Barbosa - Bahia

Com minha mãe e Cristiane, num casarão tipo hospital, passávamos por uma enfermaria onde havia diversas senhoras com os corpos coberto de chagas.

Depois, numa exposição de quadros, na parede, vimos um de madeira com a inscrição:

Cris... Cris... Cris... Cristiane

Sempre amei você.

Rio de Janeiro

Mamãe impressionou-se com o quadro. Achou-o lindo. Pensei mandar fazer um igual e colocá-lo na sala de casa.

Cristiane pediu-me que a deixasse passar uns dias na casa do tio Veimar. Aprovei, mais antes que pedisse ao papai. Nessa mesma noite, ainda em sonho, Luiz, em seu almoço, comentava que a comida estava mais gostosa, mas cheirava a éter, o que lhe respondi:

- Não se preocupe, o que você come é o prato preferido de Cris, o éter marca a sua presença entre nós.

22 DEZEMBRO, 1980

Rui Barbosa - Bahia

Estava dormindo com a gostosa sensação de paz. Nítida impressão de Cristiane estar dormindo abraçada a mim, enlaçando-me o pescoço. Seus cabelos, presos, irradiavam luz.

23 DEZEMBRO, 1980

Rui Barbosa - Bahia

Em determinada casa, solicitei que chamassem a Cris. Apareceu ao lado de um rapazola. Preparavam-se, para disputar uma partida de tênis. Indaguei-a:

- Cris, vamos comigo, o pessoal quer cumprimentá-la pelo Natal.

- Ah! mamãe, vá você.

Quero ficar aqui, está muito bom.

Voltou e adentrou a casa sorrindo.

NATAL CHEGANDO

A tristeza novamente.

Apesar das provas de sobrevivência que eu tivera, balançava meu coração não aceitando a ausência.

Natal é data marcante, principalmente para as famílias saudosas e entristecidas recentemente.

A vitória sobre a dor é lenta.

Orei muito a Jesus e à Cris que me assistissem para suportar esse primeiro Natal de ausência.

Foi uma data diferente.

Conheci a alegria de um sorriso na doação do coração ao semelhante necessitado.

Foi um verdadeiro Natal.

Na doação senti a constante participação de Cristiane, imaginando suas mãos dentro das minhas.

26 DEZEMBRO, 1980

Rui Barbosa - Bahia

Nesta noite, Cris se apresentava mais amadurecida.

Conversávamos. Dizia querer cortar os cabelos e fazer uma ondulação para cima e se lhe ficaria bem.

Concordei, com um simples aceno. Perguntou também ao Lourenço, seu irmão, se ali era bom lugar de se morar, acenando-lhe positivamente. Havia lugares maravilhosos onde os jovens se reuniam e haveria de gostar.

Cris, muito calma, e eu a olhava. Agradecia a Jesus aquela transformação. Sugeri que passeasse bastante por nós.

Fiz-lhe uma pergunta:

- Filha, conte para mamãe como foi o acidente.

Deu-me o sorriso mais lindo do mundo e nesse instante, acordei.

03 JANEIRO, 1981

Rui Barbosa - Bahia

Cris encantou meu sonho.

Planejávamos ir até Caraguatatuba (praia de São Paulo). A distância era considerável. Como estávamos no interior de uma panificadora, Cris virou-se e pediu empadas recheadas de marmelo e fez questão que as amigas também se servissem.

05 JANEIRO, 1981

Rui Barbosa - Bahia

Sonhava num ônibus, eu e companheiras da Cris trafegávamos pelas estradas da Bahia. Olhei para trás e Cristiane dirigia um corcel preto, ao lado de uma amiga. Seguia o ônibus e ria para nós. Fiquei feliz, pedi às meninas que olhassem e todas se alegraram.

Dois rapazes me olharam como se eu estivesse louca. Acharam absurdo a Cris estar atrás do ônibus.

11 JANEIRO, 1981

Meu Deus, como abracei e beijei Cris nesta noite.

O rosto mais sereno parecia irradiar luz.

Em certo momento percebi meu corpo estendido, envolto em sangue e, indiferente, meu espírito olhava. Avistei a Lu, (menina que desencarnara com o corpo em chagas), nada mais tinha. Estava radiante.

NOVAS AMIGAS DE CRIS

Minha filha, em tudo que fazia, pela sua meiguice e simplicidade, granjeava novas amizades e, mesmo tendo partido, sua poesia estabeleceu amizade com pessoas que não conheceram.

Prova está no poema de uma "Amiga desconhecida", como fruto de uma amizade muito antiga.

PARA CRIS, DE UMA AMIGA DESCONHECIDA

Te conheci, menina, nos retratos meigos,
 Cabelos louros, sorriso franco, olhos angelicais,
 E quanta surpresa não senti, menina,
 Quando te vi mulher em versos sensuais!
 Como quem já viveu muito, vida dura ou airosa,
 Brincas de poetisa, no melhor estilo,
 Cantando o amor profundo, em versos e prosa,
 E quem sabe menina, até chegaste a senti-lo?
 Às vezes, alegre, travessa e saltitante,
 Vejo o teu lado infantil a se mostrar,
 Outras, sonhadora, sombria e distante,
 Antevejo a mulher desabrochar.
 Foi por teus versos que te maei, menina,
 Te vejo no vento, no Sol, no perfume da flor,
 Integrando agora a natureza Divina,
 No gorjeio das aves, num suspiro de amor.
 E ensaiando assim, poetisa e doce namorada,
 Foi que um dia não te viram mais,
 Para seres nos verso a própria flor amada,
 Da menina de Vinícius de Moraes.
 Mas Cris, não te foste deveras,
 És raio de Sol da manhã a brilhar,
 Quando chegas com a alegre primavera,
 Abro a janela e vejo-te entrar...

À querida Vilma, com o meu sincero
 e afetuoso abraço rogo a
 Deus que a abençoe e a todos os seus.
 Com nossas preces em devoção

Rogamos a ti senhor,
 Imensa paz e proteção
 Sempre regadas de Amor!
 Todos os caminhos da nossa menina
 Iluminando com o amparo da Luz Divina!
 Abençõe e guia, na estrada da esperança
 Nossa união de fé e confiança
 Em pétalas de alegria a perfumar nossa
 lembrança!

(Patrícia 15.02.1981)

MÃE JOVINA

Janeiro... Oh! Jesus que saudade de janeiro passado!
 Um aniversário tão lindo, muita música, muita alegria!
 Hoje não haverá mais isto aqui em casa; mas por que não levar aquela alegria do aniversário passado a quem só vive de tristezas?

Comemorei essa data numa casa de caridade em Rui Barbosa.

Uma explicação: essa casa, futuro hospital, é de iniciativa de uma senhora bem velhinha, conhecida de todos por Mãe Jovina. Acolhe a todos que a ela chegam. Vive da caridade do povo e pouco a pouco vai levantando seu hospital. Vive com grande sacrifício; não conta com água nem luz elétrica, mas sua esperança não se abate e diz que um dia vai vê-lo inaugurado.

Que Jesus a proteja e a abençoe para que um dia seu sonho se torne uma realidade, e que seus meninos e seus doentes sejam bem amparados.

Foi mais uma data comemorada diferente das outras. Sei que Cristiane, embora ausente, estava bem perto em espírito. Tanto é que a semana seguinte, quando já me encontrava em Uberaba, recebi pelas mãos de Chico Xavier essa segunda e linda mensagem.

31 JANEIRO, 1981

Uberaba - MG

Mensagem de CRIS

Em Uberaba, visito Chico Xavier, na esperança de receber nova mensagem de Cristiane.

Pouco antes de me levantar, muito rapidamente, Cris sorria para mim.

Minhas esperanças dobravam.

Posso dizer que estou alegre.

Imagino Cris viajando e eu recebendo suas cartas.

É um doce consolo para o meu coração, choro de saudades.

Sei que ela não voltará... mas por que voltar?

Se não se foi. Espiritualmente viverá sempre comigo.

Recebo a segunda mensagem de Cristiane, pela mediunidade de Francisco Cândido Xavier.

